

Hermínio C. Miranda
Carlos A. Baccelli

*Fernando
de
Lacerda*

*O homem...
o médium!*

Capa:

UMA OPÇÃO

Muitas são as portas que se abrem à espiritualidade humana!

O homem, com a sua jactância, lança-se, preferencialmente, pela porta mais larga, como sendo a de mais fácil acesso; mas, espiritualmente, a entrada triunfal se encontra através da humildade, do sacrifício e da dor e estas aconselham que busquemos sempre a mais modesta, a mais discreta, a mais difícil, que é, certamente, a mais estreita.

40166
Espiritismo

Hermínio C. Miranda
Carlos A. Baccelli

Fernando de Lacerda

*

*O mais extraordinário
médium português de todos
os tempos.*

*Precursor do famoso médium
brasileiro, Chico Xavier*

Edições
LUZ NO CAMINHO

Braga

1989

Fernando de Lacerda

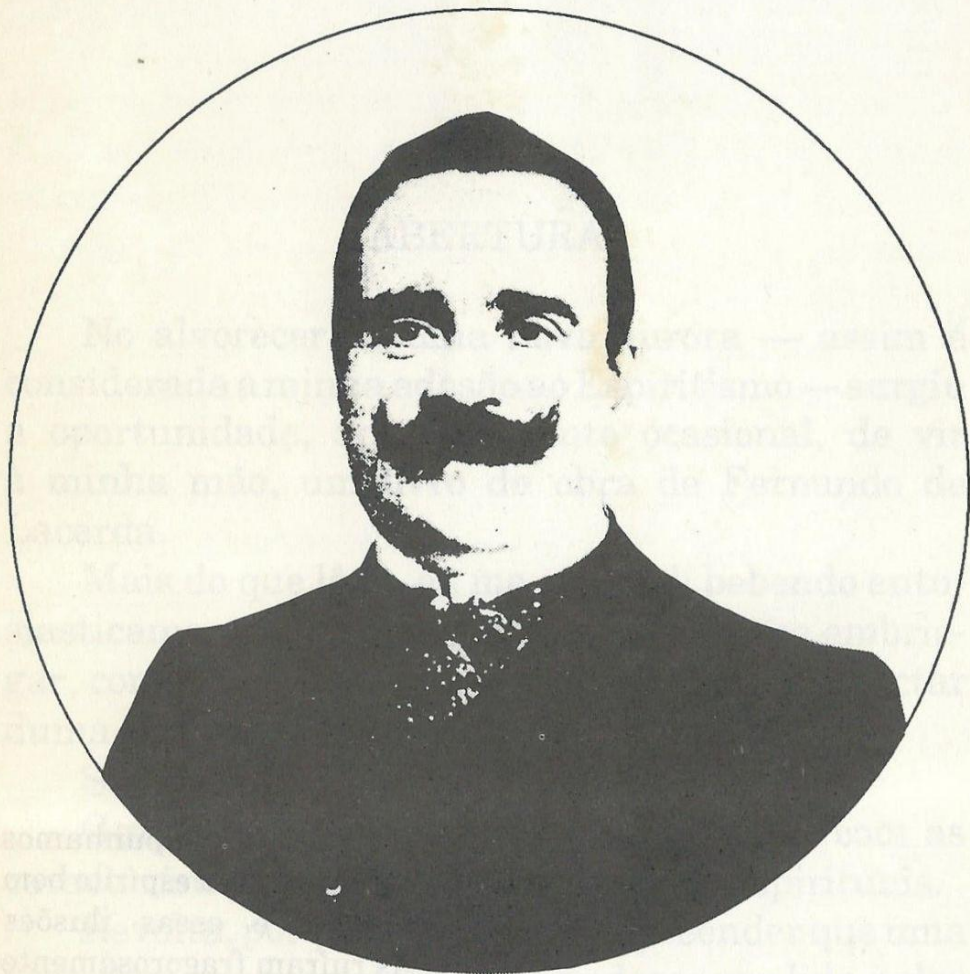
Fernando de Lacerda

O mais extraordinário
mediun português de todos
os tempos.
O autor do famoso medium
brasilense Chico Xavier.

NOTA:

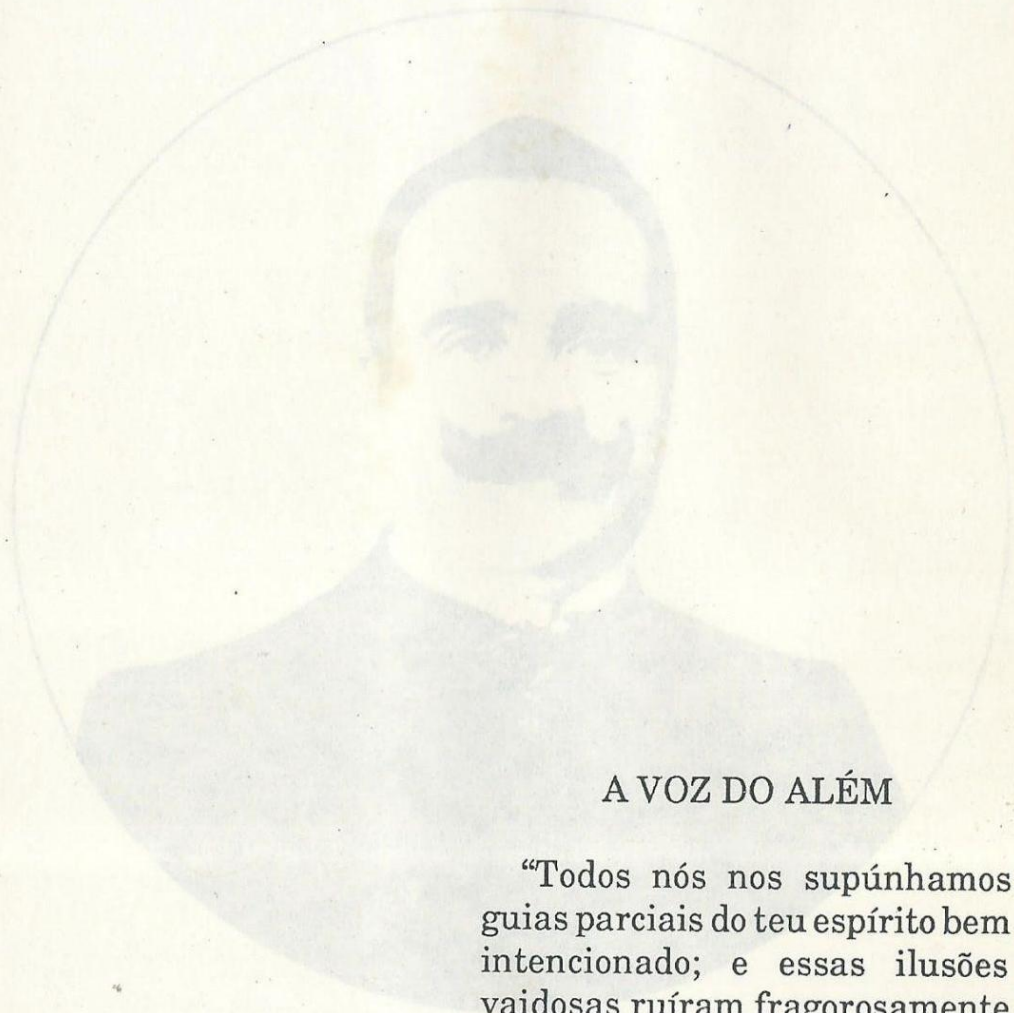
A publicação deste livro deve-se à gentileza de João Pancada Silveira, português radicado no Brasil, que nos forneceu os textos e a foto de F. de Lacerda.

LUS NO
Praça
1989



Fernando de Lacerda

Fernando Augusto de Lacerda e Melo
n. em Loures em 6 de Agosto de 1865
d. em Rio de Janeiro em 7 de Agosto 1918



A VOZ DO ALÉM

“Todos nós nos supúnhamos guias parciais do teu espírito bem intencionado; e essas ilusões vaidosas ruíram fragorosamente e nós, ao de cima delas, te contemplamos um guia gigantesco, um dos guias máximos da humanidade!”

Júlio Diniz

(Excerto da última mensagem de Júlio Diniz a Fernando de Lacerda; vidé 4º vol. do Pais da Luz).

ABERTURA

No alvorecer de uma nova aurora — assim é considerada a minha adesão ao Espiritismo — surgiu a oportunidade, aparentemente ocasional, de vir à minha mão, um livro da obra de Fernando de Lacerda.

Mais do que lê-lo, eu me extasiei, bebendo entusiasticamente o seu conteúdo, deixando-me embriagar, como abelha que suga, freneticamente o nectar duma flor, até à exaustão.

Senti então um misto de gozo e de revolta.

Gozo pelos deliciosos e variados textos com as características peculiares, dos autores espirituais.

Revolta, porque não podia compreender que uma obra desta envergadura, não pudesse ser lida pelos espiritas actuais, pois era obra há muitos anos esgotada.

Resolutamente, pensei publicá-la; custasse o que custasse, eu teria que levar a cabo uma nova edição.

Ignorava porém quem seria o detentor dos direitos autorais, mas decidi correr o risco, já que os espíritos nada cobram por seus textos, logo, não podemos compreender que os homens, na terra, se apossam de um direito que ninguém detém. A nosso ver, não é atitude honesta, tal prática.

E, uma força interior, que eu não sabia de onde vinha, me fez decidir e aí estão, já publicados, os 4 volumes da majestosa obra recebida por Fernando de Lacerda, de uma pléidade de espíritos de grande gabarito.

Depois de publicado o 4º volume, vieram-nos à mão, mais uma série de elementos sobre Fernando de Lacerda e uma foto do médium.

Animado pelo entusiasmo que nutrimos por ele, através da obra que nos legou, resolvemos editar o presente livro que dedicamos à memória desse português ímpar que, para não fugir à regra, sofreu quanto é possível imaginar-se. Mas é no sofrimento que se refinam as almas.

Fernando de Lacerda foi o maior médium português de todos os tempos, mas hoje é bem mais conhecido e apreciado no Brasil do que em Portugal.

Ele, no país irmão, é considerado o precursor do famoso médium, Chico Xavier, considerado actualmente o maior médium do mundo.

Nestas palavras simples e despretenciosas, deixamos a chama viva do nosso entusiasmo por aquela alma tão nobre e boa.

H.C.L.

I Parte

*Artigo publicado na revista
"Reformador", de Janeiro de
1977, da autoria de Hermínio
C. Miranda.*

Ignorava porém quem seria o detentor dos direitos autorais, mas decidi correr o risco, já que os espíritos nada cobram por seus textos, logo, não podemos compreender que os homens, na terra, se apósem de um direito que ninguém detém. A noção ver, não é atitude honesta, tal prática.

É uma força interior, que eu não sabia de onde vinha, me fez decidir e aí estão os 4 volumes da majestosa obra recebida por Fernando de Lacerda, de uma plêiade de espíritos de grande gabarito.

I Parte

Depois de publicada a obra, a primeira edição foi feita em 1977, com uma série de comentários de Fernando de Lacerda e uma foto de memória.

Amamos o entusiasmo que nutrimos por ela, através da obra que nos legou, resolvemos editar e apresentar a obra em português, para que todos possam ter acesso a ela e assim, se quiserem, possam fazer o mesmo. Mas é no sofrimento que se

Artigo publicado na revista "Reformador", de Janeiro de 1977, da autoria de Hermínio C. Miranda.

Ele, no período de 1977, foi considerado o maior espírito de nossa época, também conhecido como Chico Xavier, considerado atualmente o maior espírito de nossa época.

Nestas palavras simples e despretensivas, deixamos a chama viva do nosso entusiasmo por aquela alma tão nobre e boa.

I

Ao iniciar a nossa colaboração, sinto que é meu dever começar com um trabalho de pesquisa sobre Fernando de Lacerda, pois é nossa intensão promover buscas sobre todos os médiuns portugueses que, em Portugal com toda a sorte de impedimentos, não deixaram de comungar nos ideais cristãos e de promoverem investigações em prol do desenvolvimento da Terceira Revelação, batalhando contra a inércia de muitos que, com provas cabais de confirmação da evidência da Alma, comodamente, se deixavam manter à margem de qualquer discussão esclarecedora que seria encontrada na singeleza dos ensinamentos espíritas.

Jesus disse: “— Não vim destruir a Lei mas confirmá-la!”

Toda a Doutrina se encontra resumida nos dez mandamentos das Táboas de Moisés. E disse ainda o Senhor, simplificando: “— Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos”. Tão simples, tão puro... E prometeu que haveria uma

Terceira Revelação. Esta, Kardec a disse: “— Fora da Caridade não há salvação!”.

Foi através da leitura da impressionante obra “Do País da Luz”, psicografada por Fernando de Lacerda (um inspector da Polícia Potuguesa da última década da Monarquia e primeira do Século), que encontrei resposta a muitas perguntas que fazia a mim mesmo e para as quais não encontrava resposta, tais como: Porque Deus consentia que houvesse tanto sofrimento humano? Que houvesse coxos, cegos, paralíticos e outros deficientes físicos de nascença? E ainda, em que em noites enluaradas, me sentia infinitamente pequeno, face à grandiosidade do Universo, me indagava: “Será possível que a vida se acabe na morte quando se sente a sua perpetuidade na vastidão do Firmamento?”

Como todos os da minha geração, fui grande admirador de Eça de Queiroz, assim como de todos os componentes do célebre senáculo dos “Vencidos da Vida”, como a eles próprios se chamavam. Qual pois o meu espanto ao sentir “o meu Eça”, vivo, palpitante através da psicografia de Fernando de Lacerda? Logo, logo procurei identificar-me com a Literatura Espírita, começando pelo princípio, após a absorvente leitura da sua obra: ALLAN KARDEC.

Mas voltemos a Fernando de Lacerda. Fernando Augusto de Lacerda e Melo, nasceu em Loures, nos arredores de Lisboa, a 6 de Agosto de 1865 e desencarnou no Rio de Janeiro a 7 de Agosto de 1918. Funcionário público ainda jovem, chegou a ocupar o

cargo de delegado da polícia no regimen monárquico. Com o advento da República se afastou para o Brasil em 1911.

Denotado seareiro espírita desde a noite em que o Espírito de Camilo Castelo Branco, grande amigo de Silva Pinto, lhe dita a comunicação publicada no primeiro volume da obra “Do País da Luz”. Por seu intermédio manifestaram-se, não só Camilo, autor fecundo da literatura portuguesa, autor consagrado de “Amor de Perdição”, o admirável Eça de Queiroz, Alexandre Herculano, João de Deus, Júlio Diniz, Padre António Vieira e tantos outros portugueses ilustres, como também Michelet, Napoleão e outros vultos de projecção mundial.

Em “Memórias de um suicida” psicografado por Yvonne Amaral Pereira, diz Camilo a página 303: “... Dedicou-se a leituras e estudos educativos, guiado muito de perto por uma alma de escol em quem depositamos muita confiança, e presentemente encarnada na Terra — nosso agente fiel e porta-voz sincero — isto é, um médium, um iniciado cristão da Terceira Revelação, por nome Fernando...”¹ E continua: “Pois bem, ainda nos serviços realizados no Posto de Emergência já citado, instruções foram dadas ao caro intérprete a respeito do que deveria fazer a fim de auxiliar-nos em torno do jóvem em apreço, transportado que fora para aquele local o seu Espírito operoso, durante sono profundo. Ora, assim

1 Refere-se a Fernando de Lacerda.

sendo, Fernando, que exerce actividades profissionais na própria inspectoría de policía, como adepto que é da Terceira Revelação, vem procurando, tanto quanto possível, testemunhar os preceitos do Divino Missionário. Dentre os inúmeros actos generosos que vem evidenciando como espírita-cristão, destacaremos o interesse tomado pelos encarcerados e sentenciados, aos quais procura assistir e servir. Leva-lhes um raio de amor em cada visita que lhes faz. Infunde-lhes esperanças aos corações desfalecidos. Acalma-lhes a revolta interior com a suavidade fraterna e boa da sua palavra inspirada, de onde jorram esclarecimentos regeneradores para desalterar-lhes a sede de justiça e protecção. E continuando: “ — Albino sentiu-se atraído por aquelas expressões maviosas que lhe revelaram as doçuras do Evangelho do Reino de Deus, como falando de um mundo novo, uma era nova que surgiria em sua vida de rapaz desamparado! Os olhos grandes e sonhadores de Fernando, como reflectindo o manancial de Luz que deslumbrava sua alma de escolhido do Céu, impressionaram fortemente o filho de Jerónimo, que, aturdido e dominado por singular simpatia, lhe confiou a própria história atormentada! Nosso querido agente comoveu-se sinceramente. Confortou o rapaz, ministrou-lhe educação moral-religiosa sob as inspirações da Terceira Revelação, tal como lho havíamos recomendado, o que nos evitou grandes trabalhos em torno do jôvem encarcerado...”

“Na solidão do próprio cárcere, assim, bem cedo Albino pode receber directamente nossos incentivos, pois, graças aos piedosos esforços do servo do Senhor e à boa-vontade do próprio penitente, tornou-se possível a este falarmos, tomando-lhe da mão e ditando-lhe preceitos educativos, dos quais tanto e tanto necessitavam a fim de se fortalecer para as caminhadas redentoras. E o próprio Albino escreveu o que lhe sussurrávamos ao pensamento através da intuição, banhado em lágrimas, protestando interiormente continuada boa-vontade para o futuro.”

“Porém, não paralizou aí a solicitude verdadeiramente fraterna do nosso caro Fernando.”

“Possui ele relações de amizades sociais achegadas ao Paço das Necessidades.”

“Desdobrou-se e obteve as atenções de Sua Majestade, a Rainha D. Amélia, para o infeliz filho do nosso suicida. Fê-la compreender tratar-se de pessoa de um orfão desamparado, a quem a inexperiência e seduções haviam infelicitado, mas a quem se poderia auxiliar ainda, tornando-o útil à sociedade, com um pouco de proteção e ajuda fraterna.”

“Aqui, em nosso Instituto, não se ignora que o Espírito dessa ilustre dama da sociedade terrena é assaz generoso, compassivo, desejoso sempre de acertar. Para o progresso moral e espiritual de Albino, por sua vez, segundo as instruções que receberamos do Mais Alto, seria dispensável a prova de cárcere a alongar-se ainda por três anos. Coadjuva-

mos, portanto, no momento, os esforços de Fernando, fielmente inspirado por nós outros, no sentido de obtermos quanto antes a projectada remoção do prisioneiro para a África, onde, consoante foi estabelecido, ficará em liberdade...”

E a página 377 da mesma obra: “De súbito, como se a fraternal solicitude de Teócrito nos observasse através dos espelhos magnéticos, acompanhando nossos passos como fizera Jerónimo, idéia salvadora iluminou-me a mente e bradei, jubiloso:

Fernando!...

Sim, Fernando de Lacerda! O protector inesquecível, cujos caridosos pensamentos de amor e de paz, diluídos em cintilações de preces, tantas vezes me visitaram no desconsolo apavorante do tugúrio de trevas, onde minha alma expiava a ousadia de se haver antecedido à determinação da Justa Lei!

Sim, Fernando! O coração boníssimo, que continuava, incansável e piedoso como ele só, a cativar-me com suas constantes visitas mensais, seus abraços amoráveis convertidos em radiações benfazejas de novas preces para novas conquistas de dias melhores para o meu destino!...

Não ignorávamos o domicílio do velho amigo. Tampouco a repartição onde exercia seu modesto labor. Tampouco o local onde se reunia de preferência, para experimentações científicas e culturais, a que, ao lado de atenciosos companheiros, emprestava os melhores esforços, por já o havermos visitado quando da primeira vez que lográmos descer

à Terra. Para seu domicílio, pois, nos dirigimos, ali nos abrigando, discretos e humildes, ocupando cómodo acima do telhado, “água-furtada” que se diria apropriado pelo Invisível para hóspedes de nossa categoria.

Alguns dias de permanência ao lado de Fernando e seus companheiros foram suficientes para me readaptarem aos acontecimentos terrenos, reambientando-me na vida social. Não foi, todavia, sem sensíveis constrangimentos que o fiz, sinceramente saudoso do convívio sereno e leal da sociedade invisível a que já me habituara.

Largamente confidenciei-me com o precioso médium tão benquisto em nosso Instituto. No suave abrigo oferecido pelas “águas-furtadas” reuni idéias e deliberei realizar um programa, com vistas à efectivação das recomendações de Teócrito. Deveria, antes de tudo, voltar a esclarecer aos meus antigos amigos, colegas, editores, e até aos adversários, que o suicídio não lograra decepar-me a vida, tampouco a inteligência e a acção. Escrevi, então, falando ao cérebro de Fernando, em colóquios amistosos que muito me confortaram, servindo-me de sua mão como de uma luva que calçasse à minha própria mão, longas cartas a amigos de outrora, que a morte me não fizera olvidar, noticiário sincero e verídico de minhas impressões, procurando identificar-me no estilo literário que me conheciam. Não comportava já, porém, vaidades o meu gesto. Pretendia antes preparar ambiente para mais amplas reportagens

futuras. Meu intento era avisá-lo, antes de mais nada, de que eu continuava vivo, bem vivo e pensante, não obstante a tragédia inconcebível que o túmulo ocultara aos débeis olhos humanos. Meu desejo era revelar-me àquela mesma sociedade que me conhecera, rejubilá-la com as alvíssaras de que, como eu, também ela era imortal, preveni-la, enfim, conscientemente, dos perigos existentes atrás das sombrias ciladas forjadas pelo monstro - Suicídio.

Mas... apesar da boa-vontade de que me sentia possuído, da dedicação do generoso amigo que me emprestava inestimável concurso, passei pela decepção e a vergonha de ser repellido pela maioria daqueles mesmos a quem desejava servir, revelando-me individualmente pensante, inteligência viva, independente e normal, não obstante a invisibilidade do estado em que me achava. Sem o desejar, grandes desgostos atraí para o pobre Fernando, a quem antes quizera respeitado e honrado em virtude do magnífico dom que trazia, tal o de transmitir facilmente o pensamento das almas defuntas e foi ele alvo de críticas demasiado ardentes e injustas, insultos ingratos, remoques abusivos!

Desapontei-me contrariado. Não era possível à minha boa-vontade o defender o nobre amigo, visto que não me desejam ouvir. De nada valiam tantos e tão interessantes noticiários que trazia eu das minhas bandas nevadas do Além a fim de surpreender antigos competidores na literatura, tantos e tão impressionantes dramas e narrativas com que enri-

quecer outros editores que necessariamente me reconheceriam através da linguagem que lhes fora habitual. Via-me forçado a calar, porque bem poucos eram os que me aceitavam a volta.

Entretanto, o convívio com Fernando compensava-me das derrotas nos outros sectores, muito edificado me senti graças às palestras que comumente com ele empreendia, reservando-lhe eu a minha melhor afeição, um tono sempre crescente de gratidão pelas simpatias que a mim, como aos meus comparses, infantigavelmente demonstrava.” E a página 401: “... Quanto a Albino, é comerciante, embora modesto, em Lourenço Marques, corresponde-se assiduamente com o seu amigo Fernando, que o tem aconselhado mui honradamente e que todos os esforços envidou para favorecer-lhe meios honestos de viver, instruindo-o ainda, ao demais, na Ciência dos Espíritos da qual é fiel adepto.”

*

Nas comunicações recebidas por Aura Celeste, pseudónimo literário de Adelaide Augusta Camara, médium brasileira de multiplas virtudes, fundadora do Asylo Espírita João Evangelista, no Rio de Janeiro, para meninas carentes, encontramos a seguinte de Fernando de Lacerda:

“Amigos e irmãos, a paz do senhor permaneça em vosso meio.

Meus amigos, quem vos fala conhece muito de

perto as agruras da vida material, as preocupações que nos empolgam, nesta vida de provas, de dores, de sacrifícios e de progresso, ao mesmo tempo; quem vos fala sorveu até à última gota o cálice da amargura.

Procurei, enquanto em mim houve força para isso, manter-me na linha da vanguarda em que o Senhor me colocou, como médium, na seara espírita. Tive o prazer de receber espíritos inteligentes, bem orientados, que vieram trazer aos homens as lições da sua experiência, da sua sabedoria, tive o prazer de receber espíritos que muito contribuíram para a crença dos homens; tive o prazer de receber do Alto, verdadeiras inspirações do bem, que traduzi para os meus irmãos. Mas, como na vida tudo é transitório, o homem é sempre falível, o facto é que, reflectindo sobre essa vida que passou e que eu empreguei, em parte, ao serviço do meu Deus; eu tenho pezar dentro de mim de ver que muito mais poderia ter feito se, no descambar da minha existência, eu tivesse dado outra orientação ao pensamento. Este me arrastou para um terreno em que a atracção foi fácil para os espíritos prejudicadores do homem e eu me prejudiquei. Não me quero inocentar dessa culpa, sei perfeitamente que o papel do espírita consciente é o de compreender as suas faltas antes de compreender as dos outros, é o procurar corrigir-se antes de apresentar o remédio para os males alheios, mas digo, sem fugir à verdade, que, na minha dura prova, muito me faltou o socorro humano.

A graça de Deus nunca abandona o homem

crente. Por mais dolorosa que seja a prova, o homem encontra sempre, vindo do Além, uma suavidade balsâmica para a suas chagas morais. E, até mesmo para as chagas materiais do seu corpo físico, há sempre um fluído do Senhor que pode atenuar, que pode minorar o mais agro sofrimento. Porém, é certo, igualmente, que o convívio daqueles a quem amamos, o conforto dos que têm pelo mesmo credo muito ampara o sofredor no momento da luta. E isso me faltou. Hoje, dou graças que assim foi, porque sem isso a minha prova seria incompleta. E, assim, fui até ao fim.

Venho, hoje, dizer aos médiuns especialmente que se guardem quanto poderem contra as setas desferidas da treva sobre a estrutura do seu ser espiritual. Muito se preocupa o médium, como, aliás, a maioria das criaturas humanas, com o seu corpo físico, as suas doenças, os seus defeitos, a sua beleza, enfim, a sua aparência. No entanto, sem descurar dessa parte, necessário se faz que o espírito inteligente que habita o corpo do médium se recorde de que é espiritual, de que aspira o progresso e que, se Deus lhe concedeu a faculdade mediúnica de que dispõe, foi, não somente para o proveito do próximo, mas para seu real proveito. Lembre-se o médium de que está sempre sob as vistas de um público inexorável; lembre-se o médium de que os principais críticos de sua personalidade são exactamente aqueles que mais deveriam beber da doutrina que lhe sai dos lábios; lembre-se o médium sempre de que dele tudo

se exige. O homem mais imperfeito exige do médium uma perfeição quasi absoluta! E, assim, sabendo destas coisas, compreendendo que está sendo alvo de todos os olhares, de toda a análise, de toda a curiosidade, o médium revista-se da couraça invulnerável da fé, desprenda-se de toda a vaidade humana, dispa-se do orgulho proveniente do egoísmo e recorde-se sempre de que trabalha para Deus. Venha de onde vier, o golpe é sempre do homem. Deus permanece em Sua pureza, em Sua ciência, em Sua caridade infinita. O médium é um ser que se deve consagrar ao serviço divino e olhar de cima para o mundo terreno. E quando assim digo, nem de leve insufla o orgulho. Não. É exactamente pela humildade que se alcança esse nível! É preciso ser pequenino para poder ser gigante. O médium, pois, tendo toda a caridade para os seus irmãos, olhe sempre para o Alto. Diga: "Já não pertenço ao mundo; sou de Deus". Quem assim fizer estará preparado para o sofrimento que a sua provação lhe impuzera. Não espere, jamais, gratidão, estima sincera, amor das criaturas humanas. Espere, tão somente de Deus a justiça para a sua conduta, a justiça para os seus actos, o perdão para as suas culpas. Do mundo nada queira; antes, lhe dê o que ele precisa. Seja o canal transmissor das bençãos do Além e, passando por ele, purifique, igualmente, o seu ser.

Permita o senhor que vós, amigos meus, especialmente aqueles que têm faculdade mediúnica, sejam poupados das tribulações que sofreu o meu

espírito. Que não exprimenteis as dores amargas que passei, antes, que recebais do céu a graça de vos conduzirdes melhor do que eu me conduzi, para que não façais jus a tais sofrimentos. Deus abençõe as criaturas de boa vontade.

Paz a todos os homens.

Fernando de Lacerda.”

*

Em Janeiro de 1970 o “Reformador” publica a seguinte crónica do professor Hermínio Corrêa de Miranda, que transcrevemos com a devida vénia:

“FERNANDO DE LACERDA, O MÉDIUM DO PAIS DE CAMÕES”

“Em Janeiro de 1908, em pequena introdução sob o título “Palavras necessárias”, à primeira edição do livro “Do País da Luz”, escreveu Fernando de Lacerda que “há muitos anos escrevia coisas que desconhecia, alheias à minha vontade e até ao modo de ver e de ser”. Certa noite, porém, a 28 de Outubro de 1906, ao deitar-se, pareceu-lhe ouvir algo assim como um recado ao escritor português Silva Pinto. Por mais que tentasse, não obstante, fixar a atenção no que lhe diziam, não conseguia captar a mensagem de forma inteligível. A voz insistiu: “— Tem paciência. Levanta-te e vai escrever.” Dirigiu-se o médium para o seu escritório, julgando que lhe seria ditada apenas a misteriosa frase, mas, na realidade, tratava-se de uma carta a Silva Pinto, com quem

Lacerda mantinha um relacionamento superficial, de mera cortesia. Quem assinava o documento era Camilo Castelo Branco. (“Do País da Luz”, 1º volume, FEB, 4ª edição, 1932.)

Tratava-se de veemente e comovente apelo ao velho amigo ainda encarnado para que fizesse uma pausa nas suas angústias e no azedume revoltado em que vivia para passar a limpo as suas idéias. O fim da existência terrena não podia andar muito longe, mas ainda havia tempo para uma revisão de conceitos, uma reformulação daquela amarga filosofia de vida, implantada como árvore seca na aridez de um espírito que, não obstante era tão rico em potencialidades sublimes.

— “Por que hás-de passar o resto dos teus dias, aí — escrevia Camilo —, na calcinante agrura de querer emendar o que está optimamente feito?”

“Quem teria autoridade para aperfeiçoar a obra de Deus? Além do mais, havia o exemplo dele, Camilo, que continuou vivo a despeito da descrença, do rancor surdo contra a vida, do orgulho de que se acusa impiedosamente e que o levaram a suicídio aos 85 anos de existência:

— “Sofri ou continuei a sofrer tanto e tão intensa, tão condensadamente, que, conquanto não pudesse duvidar da persistência da vida, cheguei a descrer da existência de Deus.”

De sua história, porém, falaria com todas as minúcias, anos depois, à nossa querida Yvonne do Amaral Pereira. No momento, concentrava-se em

salvar o amigo Silva Pinto, cuja amizade fraterna “são elos que ainda me prendem ao mundo”.

E concluía: “Não sei se poderei ainda falar-te de novo e a tempo, e não será a menor das dores para mim se tiver de reconhecer que não pude pôr no que digo a força da persuasão bastante para fazer-te o bem, quando tanta tive para te fazer o mal!”

Dessa forma, se as idéias e os conceitos do Camilo desencarnado fossem tão diferentes dos que ele emitira “em vida”, a ponto de se tornarem, inaceitáveis para o amigo ainda na carne, este não poderia deixar de identificar, na carta do Além, aquele estilo inconfundível, o pensamento poderoso, a argumentação incisiva, a marca, enfim, do génio que tivera por amigo e que, agora, vencendo a barreira da morte, surpreendia o velho escritor com um facto tão difícil ao seu cepticismo de aceitar quanto ao seu coração de recusar.

Já em 1911, porém, ao publicar-se o terceiro volume do livro “Do País da Luz”, em carta a Fernando de Lacerda, Silva Pinto confessa, iluminado:

— “É um alívio, é um raio de luz, e em que hora de incerteza! Eu sou dos que crêem nas suas visões, e nos seus mortos, na vida futura tranquilizadora.”

Pouco depois, ele também partia, em Novembro daquele mesmo ano, não pelo gesto dramático e irreversível do suicídio, como planejara sua mente privilegiada, envenenada pelo materialismo ateu, mas pelo desgaste natural do organismo cansado e sofrido. Acima de tudo, porém, levantava o vôo para

o mundo póstumo não de coração vazio de esperança e de fé, mas abençoado pela certeza de que os mortos vivem. A mensagem aflita de Camilo fizera o milagre do amor fraterno. Já no quarto volume da colectânea surgem escritos de Silva Pinto na condição de Espírito desencarnado. Perduram ressaibos de rancor e de azedume — hábitos de uma longa e penosa existência — mas, esses impulsos, ainda negativos, estão colocados na perspectiva adequada, parece que apenas para provarem que o homem não se angeliza num passe de mágica, apenas porque desencarnou.

— "Pois se até a mim — escreve pela mediunidade de Lacerda consola ver que, afinal, a Humanidade não é toda reles e safada, como eu ia supondo aí."

E como alguém o contemplasse a distância, ele acrescentou:

— "Isto que não pareça arrependido àquele patifote que ali vejo a rir, por me ter estragado o fígado com coices."

E mais adiante, um conselho ao seu médium:

— "A alma em desespero, uma palavra pode salvar, pode adoçar, pode tornar feliz e mudar a sua orientação numa hora hesitante de dúvidas cruéis. Não esqueça isto."

*

Fernando Lacerda não o esqueceria. Tinha já a essa altura razões de sobra para fixar-se na certeza de que, através da sua mediunidade, se filtravam para muitos corações atribulados a luz de consolos, a

mensagem da esperança. E, por isso, seguiu em frente, teimosamente, a despeito das críticas, dos risos, das chacotas, das calúnias com que a ignorância procura aviltar aquilo que não entende. Enfrentaria também a descrença polida e erudita dos pensadores da época, acastelados em seus sistemas pessoais, aparentemente inexpugnáveis. (Ainda veremos isso, mais à frente, neste estudo).

Ao publicar o primeiro volume da sua colectânea, em 1908, restavam a Lacerda dez anos de existência na carne e um colar de decepções e desenganos. Era, àquela época, respeitável funcionário público em Lisboa, onde exercia o cargo de Sub-inspector de Polícia, com zelo, firmeza e ao mesmo tempo, compreensão para os problemas humanos.

*

Nascera Fernando Augusto de Lacerda e Melo, em Loures, Portugal, a 6 de Agosto de 1865, estando, pois, com cerca de 43 anos quando saiu o primeiro volume de "Do País da Luz". Desencarnaria no Rio de Janeiro, a 7 de Agosto de 1918, exilado da sua terra natal em razão de pressões políticas irresistíveis, sobre as quais também temos algo a dizer mais adiante. Embora saudoso de sua Pátria e amargurado pelos acontecimentos que o fizeram arrancar-se com raízes e tudo do seu ambiente, encontrou no Brasil a simpatia e o carinho de todos, especialmente de seus confrades espíritas.

Conta Zéus Wantuil que, desembarcando no Rio, em 23 de Julho de 1911, do navio "Astúrias", já a 25, dois dias depois, Fernando era acolhido pela Federação Espírita Brasileira, em sessão pública, na qual foi saudado por Leopoldo Cirne, que exercia então a Presidência da Casa de Ismael. Estavam presentes os seus amigos espirituais, que não apenas o amparavam na nova Pátria, mas haviam mesmo sugerido ao seu médium que viesse para o Brasil. Em curta mensagem recebida ali mesmo por Lacerda, assim se expressou Alexandre Herculano:

— "A vós, irmãos meus do famoso rincão americano que se chama Brasil, eu venho saudar em nome de todos os obreiros."

Integrando-se, pois, na comunidade espírita brasileira, aqui continuou a servir à causa que abraçara. A época ainda era difícil e não insenta de desenganos para aqueles devotados pioneiros, mas, não tanto que em Portugal, onde o primeiro volume de seu livro foi, ao mesmo tempo, um tremendo sucesso de livraria — esgotou-se em poucos meses — e motivação para desvairados ataques e comentários desfavoráveis daqueles que, como de praxe, nem se deram ao trabalho de ler os textos oferecidos, ou o fizeram sem isenção necessária a formar sobre eles um juízo desapassionado.

— "Na sua quase totalidade — escreve Fernando em prefácio à segunda edição — as criaturas superiores que, nesse olímpico gesto de desdém, pretendiam desconsiderar a obra, ou o princípio que ela

vinha proclamar, não a conheciam senão pelo nome.”

Que fazer, porém, ante a petulância dos chamados espíritos fortes ou a ira levantada pela intolerância da religião dominante? Muitos eram, não obstante, os que a leram sofregamente, encontrando na prosa elegante dos génios da literatura portuguesa a mensagem consoladora da esperança.

Em 30 de Janeiro de 1907, em recado pessoal ao médium, Eça de Queiros tomou a palavra:

— “Com pouco te preocupas. Bastou que alguém te pusesse em dúvida a existência real da minha individualidade, para que te sentisses fraquejar. Que te importa o que os outros pensam?”

E mais adiante:

— “Pensam que não sou Eça? Eça ou não, sou quem como tal tem escrito o que como Eça possuis. Se não sou Eça, quem sou? Perdes facilmente a serenidade, amigo!”

A palavra é firme, para poder confirmar o mensageiro na sua tarefa, pois os Espíritos que se utilizam dele sabem que ele possui a têmpera necessária para resistir e prosseguir.

— “O sucesso será a discussão — insiste Eça — será o ataque, a troça, o insulto, a perseguição.”

E concluía, páginas adiante:

— “A terra há-de ser sempre a terra! Junte-se à terra mais limpa o líquido mais precioso e só fará lama suja que apodrece!”

A luta estava aberta. Era preciso seguir em

frente, a despeito de tudo e de todos, porque o recado da sobrevivência tinha que ser proclamado ao mundo sob mil maneiras diferentes, por toda a parte, através de muitos médiuns, proclamado por inúmeros Espíritos. Fernando de Lacerda era componente dessa equipa de arautos e, para isso, viera entregar-se à prisão e às agruras da carne que sufoca e redime. Não havia como recuar.

*

Interrompo, nesta altura, o fluxo da narrativa para contar a razão deste artigo.

Há algum tempo, alguém da minha família me entregou volumoso pacote de papeis, e comentou sumariamente:

— Uma amiga minha mandou-me dar isto a você. São uns papeis sobre Espiritismo...

Tratava-se de preciosa documentação, quase toda inédita, sobre o querido e pouco lembrado médium português. Compreendi que, por trás do episódio, alguém manobrava no mundo espiritual para que a valiosa papelada fosse parar nas mãos do modesto escriba, a fim de que não se perdesse no trágico silêncio das lixeiras. Concluindo este trabalho, estarei passando os documentos, tal como os recebi, à guarda atenta e carinhosa da Federação Espírita Brasileira, que os preservará em memória do valoroso trabalhador que lutou e venceu todas as dificuldades, inclusive aquelas mais difíceis, do campo interno do próprio ser.

Essa é, pois, a história singela deste trabalho. Fechado o parêntese, prossigamos.

*

Escusar-me-ei, daqui por diante, de pormenorizar episódios da vida e dos trabalhos de Fernando de Lacerda, o que seria mero repetir do que está narrado nos quatro volumes de "Do País da Luz" e no já mencionado artigo do caro confrade Zéus Wantuil, aos quais tomo a liberdade de remeter o leitor interessado. Recorrendo, porém à documentação inédita, que, sob tão estranhas circunstâncias, me veio às mãos, não poderei abandonar de todo a obra publicada, como é óbvio, far-lhe-ei, pois, alusão, quando e onde necessário.

Muitas lições preciosas encerra a vida de Lacerda, particularmente para aqueles que, como ele, se dedicam à espinhosa e redentora tarefa da mediunidade, através da qual nossos companheiros desencarnados voltam sob seus passos para trazer a sua contribuição fraterna à construção do futuro reino de Deus em nós. Não é fácil ser médium, como não é fácil aos Espíritos comunicarem-se através dos médiuns.

O próprio Lacerda, já no mundo maior, confirmou essas verdades, ao compor, através do médium que se assinou apenas J. C., um pequeno prefácio ao quarto volume da série, cuja primeira edição foi publicada pela FEB, em 1926. Rodeávamos, naquela oportunidade, vários dos seus amigos

espirituais que, em tempos idos, por ele haviam transmitido na palavra escrita pensamentos e informações. Agora cabia a ele sob o olhar fraterno e meio divertido dos circunstantes.

— "Caturra-me o Eça com a sua irreverente troça — esclarece Lacerda, desencarnado — por me ver atrapalhado para satisfazer ao teu pedido."

Camilo lembra o quanto havia lutado quando precisou dele, "a fim de gritar para o mundo com voz que fosse ouvida, na ânsia de atenuar uma obra que me mordida o espírito de atróz remorço". Mais adiante, Silva Pinto, sempre a resmungar e "ainda a increpar aos maus da Terra as dores que lhe trouxeram à existência terrena, quase perdida." E o Fialho de Almeida "sempre crítico, sempre mordaz, sempre incompreendido por aqueles a quem mais quis ensinar o caminho do verdadeiro amor da Pátria". Enfim, estavam todos por ali, para assisti-lo no esforço de transmitir, por sua vez, o seu recado.

Dera apenas a colaboração "mais rudimentar" àqueles génios todos, porque a sua mão "escrevia, quase sem interferência do cérebro". De si mesmo, nada tinha a dizer, pois não se sentia à altura de ombrear com aquela gente, à qual se limitara a emprestar a sua pena. Coubera-lhe como "o pigmeu, que mal compreende ainda a própria razão de ser da sua existência como criatura, vir dizer que só lhe beneficiou os dias finais da vida terrena, quando foi bálsamo com que a mão de Deus lhe aplacou as dores das feridas".

Em suma: um médium perfeitamente consciente das suas limitações e das suas possibilidades, mas que procurou conservar-se sempre na tranquila posição de mensageiro e não tentou jamais arvorar-se em autor das belíssimas páginas mediúnicas que produziu enquanto esteve neste vale de lágrimas. Era o primeiro a proclamar-se incapaz de redigir, vestindo-se dos floreios e atavios de tantos e tão nobres estilos, aqueles textos que continham expressões de uma realidade superior, acima dos seus modestos recursos culturais.

*

Tenho diante de mim seis páginas de uma interessante e bem documentada entrevista que fez com o médium o repórter J.S., da “Ilustração Portuguesa”, em 15 de Agosto de 1908. A modesta biblioteca pessoal de Lacerda decepcionou o jornalista, que esperava encontrar talvez, todas as colecções dos grandes mestres da língua. Nada disso! Os autores predilectos de Lacerda eram Paulo de Koch, Ponson du Terrail e Xavier de Montepin, então muito populares pelas imaginosas e torrenciais histórias de capa e espada que escreviam. Enquanto o repórter “num gesto de enfado e desilusão” lia aquelas lombadas mediócras, entra Fernando que de forma alguma se envergonhava de seu modesto gosto literário; ao contrário, parece orgulhar-se dele:

— “Está a ver a minha biblioteca... Nada mais trivial, nada menos literário. Nunca li senão isso.”

Era, então aquela criatura que escrevia como Camilo, Eça, Herculano, Castilho, Vieira ou Júlio Diniz? Pois era. O reporter não sabe ao certo como conduzir sua entrevista; apressa dicidir-se por um meio-termo entre a curiosidade e a descrença, entre a ironia e o assombro, entre o desejo de descrever e o impulso de aceitar o fenómeno.

Lacerda coloca-se ao seu inteiro dispor, desarmado, tranquilo, lúcido. Não é, de forma alguma, um doido inconsciente e irresponsável, mesmo porque é Chefe de Polícia ali mesmo em Lisboa, conhecido de todos e respeitado pelo seu procedimento recto e firme. Não é um sujeito excêntrico, cheio de manias e fobias, ou, como se diria hoje, um “desligado”. É homem de seu tempo, com os pés solidamente implantados na realidade, pois assim exige a sua actividade profissional, da qual depende a segurança da cidade que lhe foi confiada pelas autoridades civis do governo.

Ante o repórter aturdido, começam a desfilar os Espíritos. Dão pequenos recados, escrevem mensagens curtas, participam da conversação através da pena fiel de Lacerda, enquanto o médium conversa animadamente com ele. A revista reproduz, em facsimile, preciosas comunicações de alguns escritores, com letra e assinatura própria de cada um, como se pode ver. Alexandre Herculano assim se expressa:

“— Não conservo saudades do Mundo nem dos homens. E não é porque me maltratassem — é

porque se não conservam saudades das prisões infectas onde se passa a vida.”

— “Qual a paixão humana que não enferma nem calcina? Talvez só a Caridade.”

O pensamento é de Júlio Diniz, que o assina com o seu nome verdadeiro de Gomes Coelho. O repórter, na legenda, comenta que “a semelhança da letra é flagrante”.

— “Do Mundo posso ter saudades — escreve Camilo, na sua letra bem legível —; dos homens do mundo não. Do mundo ainda tive alegrias, dos homens quase só tive ódios, invejas, desgostos e dores.”

— “A vida aí — informa Eça — é o produto do meio em que cada um se encontra e a resultante do hábito que a educação dá.”

O visconde de Seabra opina sobre seu projecto de Código Civil, no qual via agora algumas falhas, pois que o trabalho “não saiu perfeito como não sai nada que saia das mãos dos homens”. Além do mais havia escrito para uma sociedade que evoluira consideravelmente, “com novas necessidades e novas exigências”. Tratassem, pois, de reformulá-lo, “se isso for possível”. Aliás, escrevera mais extensamente sobre o assunto em comunicação incluída no primeiro volume da colectânea publicada por Lacerda. Mantinha a opinião já proclamada de que o trabalho deveria ser totalmente refundido.

Lacerda mostra alguns caixotes de originais mediúnicos e informa que Eça está revendo um trabalho, e que Almeida Garrett prometera escrever

obra semelhante às suas famosas “Viagens na minha Terra”. Tê-lo-ia feito? Parece que não, pois não há notícia dela, o que muito lamentamos; teria sido obra muito curiosa e de alto valor literário e humano.

O repórter, porém, precisa encerrar sua entrevista e concluir seu pensamento a respeito de tudo aquilo. E então? Se o leitor lhe perguntasse se acreditava em almas do outro mundo, confessaria sua perplexidade?

— “A resposta — escreve ele, já no final da sua reportagem — não é fácil nem cómoda.”

Lacerda não era um imbecil, mas também não era, obviamente, senhor do talento que suas páginas evidenciavam. Seria, por tanto, um repentista admirável, que mistificou o repórter; ou, então, ele — repórter — era obrigado a “crer em Espíritos ou Almas do Outro Mundo”. O autor da reportagem prefere não concluir, escapando pela evasiva sempre confortável de deixar ao leitor essa fase árdua da tarefa. O problema é que Fernando de Lacerda não era de estar a mistificar os outros. Limitava-se a escrever o que os espíritos lhe ditavam ou escreviam com a sua mão. Nada tinha de misterioso ou sobrenatural, sendo, ao contrário, “simplesmente e muito tranquilamente um assíduo e activo funcionário policial, um homem estimado, excelente chefe de família, um cérebro bem equilibrado”.

Realmente, a resposta que J.S. procurava em si mesmo não era fácil nem cómoda, mas Fernando de Lacerda não se preocupava com isso, ao despedir-se

do repórter, insistiu na sua atitude habitual de não exercer pressão alguma sobre ninguém:

— "Meu amigo — disse ele —, isto é para quem quiser acreditar. Não sou um intrujão. Tenho em mim uma qualidade especial para poder exercer este singular papel de intermediário? Eu mesmo não o sei. Limito-me a executar. Executo inconscientemente, como viu... O resto, que se riam, deixá-los rir..."

J.S. achou que lhe não cabia dizer mais nada.

II

Encontro na colecção de cartas que me veio ter às mãos variadas manifestações de simpatia, de dúvida ou de formal contradição.

Em papel circundado por larga tarja preta, Joana Hintze Ribeiro, viúva do político, agradece emocionada a mensagem consoladora que recebeu do marido recém-desencarnado. A data é de 3 de Setembro de 1907. Dois borrões cobrem as páginas internas do papel dobrado. Creio que foram duas grossas lágrimas choradas há quasi 70 anos pelos olhos saudosos que, por certo, voltaram a contemplar a figura amada do esposo que partira.

Em carta de 22 de Fevereiro de 1908, escrita em papel timbrado de "O Século" e da "Ilustração Portuguesa", o escritor Carlos Malheiro Dias trata com respeito e elevação o trabalho de Lacerda.

—”Que posso eu dizer a V. Exa. — diz Malheiro Dias, na sua notável letra miúda e bela — profano e incrédulo como sou, perante as surpreendentes revelações que o livro encerra? Não foi sem uma intensa perturbação que o li, àvidamente, com as mais singulares emoções. Entre todas, a carta de Mousinho abalou-me muito”.

Refere-se à dramática mensagem de Mousinho d’Albuquerque, que, pressionado, de um lado, pelas agruras de suas provações, e incontido, pelo outro, pelas suas descrenças, matou-se com um tiro. Se não pode apelar para crença de seus leitores, diz Mousinho, recorre em última instância, à dúvida a que chama de “interstício mal vedado que deixa entrar a luz possível, na escuridão das suas almas.”

Esse documento, tão vibrante de sinceridade de emoção, não poderia deixar de comover a sensibilidade de Malheiro Dias, que se confessava, no entanto, incompetente para julgar.

—”Todo o meu arsenal de conhecimentos não tem qualquer utilidade diante de tão transcendente fenómeno. Perante ele me quedo, interdito e abalado, sem tentar ao de leve penetrar esse misterioso além, onde os mortais conservam o seu bom humor e a sua veia satírica, onde o Eça ainda faz “blagues” e Victor Hugo ainda faz metáforas.”

Cândido de Azevedo, escrevendo em papel timbrado do Gabinete do Director Geral dos Negócios de Justiça, em 21 de Agosto de 1911, tem uma palavra de cepticismo, embora respeitoso. Parece que La-

cerda alimentara a esperança de que um grande crítico literário discorresse àcerca da obra na sua “Crónica bibliográfica”, do “Diário de Notícias”, de Lisboa. O autor da carta esclarece que havia interrompido a série para dedicar-se à redação do seu Dicionário. Acredita que seu substituto nas funções de crítica literária daria conta dos livros mediúnicos enviados.

Prestava a homenagem devida “à viva fé espiritualista” de seu correspondente para acrescentar que era “grande fortuna acreditar em alguma coisa de positivo acima de nós, mas não depende da vontade nem do estudo”.

Cautelosamente, observa que os manifestantes diferiam “essencialmente dos Espíritos que nós conhecemos pelas suas obras, exemplo do que cita a brilhante comunicação do Padre António Vieira, dada a Lacerda no Natal de 1906. Queixa-se de que se atribui ao Padre a expressão “Grande treva”, “quando Vieira nunca usou a palavra porque não existia. O que havia era o plural, trevas”...

A crítica prossegue, minuciosa. Vieira não diria, também “O ignorante o que vê?” e sim “O ignorante que vê?” Não diria “Enquanto que a própria inércia” porque a expressão “enquanto que” não é portuguesa, é francesa: “tandis que”. Vieira não empregaria a palavra “dunas”, outro francesismo, nem estranho ou a expressão “vimos construindo”, etc....

Ignora por completo os mistérios e a precaridade

da posição do médium, que, por melhor que se esforce e por mais bem preparado que esteja, é sempre um instrumento inadequado para transmitir o pensamento do manifestante em toda a sua pureza de forma e fundo, e Fernando de Lacerda é o primeiro a reconhecer as suas limitações culturais.

Além de tudo isso, Cândido de Azevedo confessa com franqueza e honestidade sua dificuldade em aceitar a realidade que aqueles escritos desejavam demonstrar:

— "... ainda que (minha incredulidade não tivesse fundamento), eu admiraria um trecho actual de cunho verdadeiramente vieirense, mas nem assim me julgaria moralmente obrigado a aceitar como directas e autênticas as revelações de um Espírito que já não pertence aos seres vivos!

Sem saber explicar o facto, socorria-se da bela expressão de Flamarion: fenómenos desconhecidos da Natureza."

Encerra-se a missiva, que ele chamava de "parolar inútil", com um pedido de desculpas e uma demonstração de que procurava ele "conhecer as revelações espiritistas de V. Exa., em quem admirava "a...insistência e a...fé invejável".

Era, pois, a carta de um descrente ilustre e culto que nem mesmo convencido tinha esperanças de crer, porque os Espíritos que se identificavam naquelas comunicações não pertenciam mais, a seu ver, aos "seres vivos".

Outro crítico eminente coloca-se em posição

semelhante. É Theophilo Braga, — respeitada grafia da época —. Sua carta é datada de 17 de Fevereiro de 1908.

Acusava o recebimento do livro, que agradecia “como um penhor de sua antiga amizade e dever meu de cortesia”. O problema é que o remetente queria também a sua opinião... o que lhe era extremamente difícil, pois tinha a respeito idéias contrárias à tese espírita. E passa a discorrer sobre suas concepções.

Chegara à conclusão de que o homem tem duas vidas, a “visceral”, ou instintiva, e a racional, ou, melhor, cerebral, das relações complexas que nos levam até à ciência e à síntese filosófica”. Prossegue a longa e erudita exposição de seus conceitos para, ao final, concluir da seguinte maneira:

—”Eu conheço o meu amigo, é lido(!) e conhece a nossa literatura: é-lhe fácil conhecer as “nuances” estilísticas de qualquer dos nossos celebrados escritores, mas as idéias de todos eles são sempre a mesma repetição de uma idéia tendenciosa: que a alma é imortal segundo o Deus teológico, sempre aí referido e como contraste contra as manifestações do pensamento. O livro é curioso; pode mesmo considerar-se um trabalho artístico para produzir em um dado público certa emoção. E já não é pouco.”

Nesse mesmo tom, e até semelhantemente estruturada, temos outra notável carta de autoria do brilhante e culto positivista brasileiro Teixeira Mendes, pois aqui também Fernando de Lacerda continuou a enviar suas obras às influentes perso-

nalidades da época, tal como fizera em Portugal com seus patrícios.

A longa missiva de Teixeira Mendes foi escrita na cidade fluminense de Mendes, a 23 de Julho de 1912 ou, por outra, segundo a cronologia positivista, a 9 de Dante 58/124. É dirigida a Fernando de Lacerda, Praia do Flamengo, 84.

Na sua letra firme, harmoniosa, miúda e ágil, o eminente discípulo de Augusto Comte explica, com o brilhantismo que lhe é característico, a sua posição filosófica. O documento começa, no entanto, de maneira desconcertante, após desculpar-se pela justificável demora em responder-lhe:

—”Agradecendo-vos cordialmente a vossa benévola atenção, venho explicar-vos por que não poderei corresponder ao vosso convite quanto à leitura dos referidos volumes.”

Assalta-me neste ponto uma penosa hesitação: a carta de Teixeira Mendes é muito longa para ser transcrita na íntegra, mas a citação de trechos esparsos, apanhados ao arbítrio, mutilará irremediavelmente a sequência lógica do seu pensamento tão bem exposto, ainda que apoiado em conceitos que se chocam fundamentalmente com os da Doutrina Espírita. Opto, relutantemente, pela segunda alternativa, pressionado pela conveniência de conter este trabalho dentro de aceitáveis limites de espaço, pois ainda há muito que dizer.

Ao prosseguir na sua exposição, Teixeira Mendes esclarece que, do volume remetido, leu ape-

nas os dois pequenos prefácios redigidos pelo próprio médium para a primeira e segunda edições, bem como as dedicatórias, os versos sob o título “O País da Luz” (subscritos por João de Deus) e a primeira das mensagens (assinada por Eça de Queiroz).

—”Estes textos bastam, creio eu — escreve Teixeira Mendes — para habilitar um discípulo de Augusto Comte a expor-vos os motivos das divergências, que lamentamos existirem, das vossas opiniões em relação à Religião da Humanidade.”

Entra, a seguir, em longas reflexões acerca do conceito do sobrenatural, para explicar que — segundo o Positivismo, naturalmente — “todas as concepções compreendidas nessa denominação (sobrenatural) foram inventadas pela Humanidade, em um momento dado de sua evolução, a fim de representar-se os fenómenos que a afectavam”.

Sua doutrina não aceita o chamado sistema sobrenatural, “o qual não discute, porque, pela definição mesma, esse sistema não pode ser examinado pelo bom senso vulgar” e pelas ciências positivas, ou seja, os sete ramos de conhecimento que compõe a escala da classificação das ciências propostas por Comte. Toda a discussão do assunto, portanto, torna-se **ociosa** do ponto de vista **social**, em que o Positivismo me coloca”. (Os destaques são do original).

Mais adiante, após discorrer sobre as manifestações do conhecimento, estabelece as distinções entre **conhecido** e **desconhecido**, e

entre **conhecível** e **desconhecível**, para escrever, a seguir sobre alguns dos aspectos mais belos da sua doutrina idealista, mas sem Deus, segundo a qual a vida humana, apreciada altruisticamente, tem por objecto amar, conhecer e servir a Humanidade”, assegurando, pouco depois, este belo pensamento de que “o critério supremo para julgar o **exercício normal** da inteligência é a **utilidade altruísta** das meditações”. (destaques novamente do original). Isto, a seu ver, exclui sumariamente todas as preocupações “relativas aos deuses, aos anjos, aos demónios, às fadas, aos génios, aos espíritos, às almas (considerados como alguma coisa distinta das funções do cérebro)”. As palavras entre parêntises são do original. Tais conceitos, que ele prefere chamar de preocupações sobrenaturais, são, a seu ver, “completamente **inúteis**, do ponto de vista altruísta”. Mais do que isso, até mesmo algo prejudiciais, dado que têm acarretado dissensões por toda a parte.” (!)

O altruismo, que consiste em “viver para outrem”, realizaria em nós “a máxima **pureza** e a máxima **ternura**, tal como o fizeram os grandes santos católicos, sem que para isso fosse necessário aceitar as noções de céu, purgatório, inferno, deuses, demónios, anjos, fadas, espíritos e almas, considerados estes, como ficou dito, como algo distinto das funções cerebrais.

A seu ver, a morte, socialmente falando, seria apenas “a anulação da faculdade de influir na

existência da Humanidade”, existindo apenas para os maus, porque os bons continuariam a exercer aquela influência por meio das “obras de virtude, de poesia, de ciência e de indústria, que cada um vai deixando após si”.

Por outro lado, o facto de a “Ilíada” ou a estátua de Moisés pressupor a existência de um criador não quer dizer, segundo o Positivismo, que os astros, as plantas e os seres vivos em geral também pressuponham a existência de Deus, pois livros e estátuas são feitos por homens.

— “De sorte que é razoável então querer saber, **sendo possível**, quem foi o homem que escreveu o livro ou que fez a estátua...”

Mas, a respeito dos astros e dos seres, a pesquisa não teria sentido; somente podemos verificar que existem.

Acha o ilustre autor que tais reflexões responderiam às considerações que Fernando de Lacerda havia formulado ao encaminhar o livro à sua apreciação. No entanto, apesar de justificar com elegância a sua posição, declarando por que **não podia** ler a obra mediúnica, Teixeira Mendes aproveita o ensejo para remeter ao médium alguns folhetos sobre positivismo que, obviamente, espera que este leia sem ideia preconcebida.

Termina com algumas observações acerca do catolicismo, que os positivistas sempre encararam com reconhecida simpatia, a despeito de algumas divergências mais ou menos sérias. Cita, a propósito,

Augusto Comte, que, em carta de 26 de Janeiro de 1857 a seu pai, católico, escreveu o seguinte:

— "Nós não diferimos dos católicos senão em que a nossa unidade refere-se à Humanidade, ao passo que a deles refere-se a Deus."

Lembra ainda que o próprio Comte, certa vez, incumbiu Alfred Sabatier de certa missão junto ao Geral da Companhia do "grande Santo Inácio de Loyola, com o fim de instituir a liga religiosa".

E, para encerrar, mais uma curiosa citação de Comte, desta vez em carta de 17 de Setembro de 1856:

— "... os positivistas e os católicos podem já concertarem-se dignamente, a fim de **obrigar**, em nome da razão e da moral, todos os que crêem em Deus a tornar-se outra vez católicos, e todos os que não crêem mais a tornar-se positivistas, o século da construção não devendo comportar luta senão entre doutrinas verdadeiramente orgânicas, eliminando todos os puros críticos como tão atrasados quanto perturbadores."

Esclareço que o destaque desta vez **não é** do original.

Essa carta de Teixeira Mendes, que, a despeito das suas idéias tão maduramente meditadas e tão brilhantemente expostas, encontra-se hoje na condição de Espírito, numa dimensão sobre a qual, para a sua Doutrina, bela sob tantos aspectos, era tão ociosa quão desaconselhável qualquer especulação filosófica e muito menos experimental. É preciso

acrescentar, não obstante, que embora equivocado quanto a esses conceitos filosóficos, Teixeira Mendes viveu com intensa e inequívoca sinceridade o idealismo superior do Positivismo que, mesmo ignorando a existência de Deus e do Espírito imortal como ser autónomo em relação às funções cerebrais, pregava a sublime moral altruista do amor, informado pelo conhecimento a serviço do próximo.

Mas, voltemos à documentação inédita de Fernando de Lacerda.

*

A certa altura, já nos últimos tempos de sua permanência na carne, parece que Lacerda desenvolveu também a mediunidade de cura e, a dar-se crédito a uma carta de 19 de Novembro de 1910, de Nilo Fortes, antigo Director da FEB, chegou a pensar em estipular certo preço para os seus serviços. (?)

A advertência de seu amigo é incisiva:
-”Rogo-te por Deus banir desde já de teu cérebro a idéia de receberes dinheiro por meio de curas. Lembra-te sempre que o nosso mestre Allan Kardec já dizia que a mediunidade é um dote sagrado, que deve ser exercida santa e religiosamente e, mais ainda, continua ele, se há um género de mediunidade que requeira essa condição de maneira absoluta, é a mediunidade curadora. Portanto, aquele que não tiver meios de vida deve buscar recursos por outra forma, nunca, porém, na mediunidade. Assim, pois, meu caro Fernando, foste mais uma vez posto em

prova. É preciso portanto, resistires às tentações que te assaltam neste momento.”

*

Além dessas, outras cartas mais pessoais, como algumas do escritor brasileiro Ronald de Carvalho, que o chamava de “Doce Poeta e iluminado Amigo” ou “Meu caro Príncipe do Além” e subscrevia-se, como na carta de Julho de 1915, como “seu amigo que lhe deve tanto e que lhe é grato”.

*

Há recortes de jornais, documentos das bibliotecas portuguesas nas quais registrou seus livros. Há poemas (de sua autoria), mensagens mediúnicas, narrativas, anotações e rascunhos.

Numa das mensagens, o Espírito que se assina Alfredo de Carvalho, queixa-se do “maldito dinheiro que me ralou aí a vida toda para ajuntar e ainda me rala agora por o ter juntado e não ter feito dele o uso que devia fazer”. Pede ele ao médium que não o abandone e não o deixe sem ensinar-lhe o que há-de fazer.

Ao pé da tira de papel, outro Espírito, de nome Luiz, escreveu por psicografia especular ¹, o seguinte recado:

1 Mensagem escrita do fim para o principio das linhas e que só pode ser decifrada com a ajuda de um espelho.

—”Larga que eu tomarei conta deste Coitado! (a) Luiz”.

Há deste último Espírito uma longa mensagem, também especular, recebida em 10 de Abril de 1911. Chamava-se, por extenso, Luis Alberto de Sousa Couto.

Sua palavra é fluente e correctamente arranjada, ao informar que se considera pertencente “à vasta, à enorme galeria dos espectadores anónimos”.

—”Nem a minha voz tem autoridade, nem o que eu possa dizer tem valor. Eu sou dos que aprendem e não dos que ensinam”.

Parece ser um dos companheiros espirituais da primeira hora, ao lembrar que:

—”Fomos nós os primeiros a guiar-te os passos hesitantes; os primeiros a dar-te coragem nos momentos tristes ou amargurados da tua iniciação”.

Quanto à hora do mensageiro que já avulta agora...

—”Todos nós, modestos e desconhecidos operários, fizemos um pouco. E esse pouco, se como valor intrínseco de nosso esforço é nada, pelo resultado que deu é muito e é digno de olharmos para ele com desvanecimento legítimo”.

Se, por acaso, precisar deles, ali estarão, como dantes para balancear as ingratidões recebidas de muitos com as dedicadas afeições de poucos.

Após a efectiva mensagem, outro Espírito, em letra totalmente diferente e na ordem natural, escreveu também o seu recado:

— "Faço minhas as palavras do nosso irmão Luiz (a) Constantino."

*

Em 14 tiras de papel pautado, tamanho officio, cortado ao meio, narra Fernando de Lacerda "como e por que fui encarregado da repressão do jogo ilícito".

Parece estar ali a génese da trama que o alijou do cargo público e da qual resultou sua vinda para o Brasil.

Em época de Carnaval, Lacerda, como Sub-inspector mais antigo da Polícia, substituiu o Inspector, tendo, nessa condição, categoria official igual à do Comandante do Corpo de Segurança e à do Juiz de Instrução. Com esses dois altos funcionários compunha a direcção do órgão da Polícia Cível.

Em terça-feira, soube pelos jornais que a Polícia do Juizado de Instrução havia varejado, durante a noite, 14 casas, à procura de antros de jogatina. Lacerda ouvira dizer que se jogava firme em Lisboa sob a protecção de alguns policiais corruptos. As batidas fizeram-no sorrir, pois nada haviam encontrado. Lamentaria mais tarde aquele sorriso, que classifica de "idiota".

Segue-se a história:

Ante a insistência tenaz de um grupo de amigos, Fernando de Lacerda acabou concordando em que seu nome fosse usado para designar um modesto clube que reunia trabalhadores e comerciantes. Lá

comparecia, às vezes, para palestrar com seus amigos e demais sócios, tudo gente séria e pobre. Alguém teve, posteriormente, a infeliz ideia de animar o clube com a instituição de um jogo, em si mesmo inocente. Lacerda, se opôs e retirou imediatamente o seu nome e deixou de frequentar o clube. Havia, porém, entre seus próprios companheiros, na Polícia, alguém que se deixara arrastar para uma intriga soprada por um “empregado superior do Governo Civil que não perdoara nunca o eu ter-lhe resistido a uma solicitação indébita e atentória à segurança pública”. E assim, com enorme aparato policial, o clube foi invadido, totalmente vasculhado e depredado pela Polícia, que tinha instruções para agarrar a qualquer preço e envolver na jogatina o Sub-inspector Fernando de Lacerda. O golpe falhou não apenas porque Lacerda se achava de serviço de fiscalização dos teatros de Lisboa naquela noite, como porque, exactamente ser avesso ao jogo de azar, retirara-se definitivamente do clube que em tempos outros ostentara o seu nome.

Mas, como a ovelha da lenda tinha de ser comida, o lobo não hesitou em sacrificar a lógica para devorar a presa. Já na terça-feira, ao chegar ao escritório, encontrou Lacerda o recado que o Sr. Governador Civil desejava falar-lhe.

A narrativa está aqui interrompida, mas o resto da história sabe-se: Lacerda perdeu o emprego.

— “Que de coisas me vêm à pena e que de justos ressentimentos me toldam o espírito, ao olhar para

esses longos anos - escreve ele -, em que minhas dedicações ao cumprimento dos meus deveres de funcionário público, recebendo em troca as punhala-das, anónimas na aparência, da inveja, do despeito ou da mesquinharia.”

Estava tudo consumado, porém, e nova etapa da existência começaria no Brasil, onde viveu sete anos que lhe restavam na carne, enfrentando não poucas dificuldades materiais e muitas saudades da Pátria e dos amigos que lá ficaram.

*

Assim foi o homem e assim foi o médium. Como cidadão, cumpriu o seu dever tal como o via, e, como médium, deu o recado da Espiritualidade. Em ambas as tarefas foi mal compreendido por alguns e avali-ado correctamente por muitos.

Embora sua mediunidade fosse mais desen-volvida no campo da psicografia, também dispunha de faculdades de clariaudiência, de vidência e, ao que parece, de cura.

Na psicografia, era médium mecânico, segundo a classificação de Kardec, pois sua mão escrevia impul-sionada directamente pelos Espíritos comunicantes, enquanto sua mente se ocupava de coisas inteira-mente diversas, como leitura ou conversação.

Somente se acompanhasse a mão com os olhos, lendo o que ela escrevia, poderia seguir o pensamento

do autor espiritual, caso contrário, só depois iria saber o que escrevera.

Certa vez, dialogava com Camilo Castelo Branco.

— "Para falar de coisas que não conheças — escreve o Espírito — era necessário que estivesses em estado absolutamente inconsciente, ou ter que empregar, persistentemente, uma grande contenção da vontade sobre ti para nos sobrepormos à tua personalidade. Assim, como estás, não. Posso servir-me dos elementos que me forneças. Não posso ir mais além dos teus próprios conhecimentos. A tua personalidade em estado consciente impedirá que possa apresentar coisas que te sejam desconhecidas. Só me prestarás para dizer o que caiba dentro da soma de saber por ti adquirido."

Ia a explicação nesse tom, quando Camilo acrescenta:

— "Um médium em estado inconsciente deixa de ser instrumento de si próprio, mas equivale-se a instrumento para dextros..."

Lacerda que lia o que estava escrevendo, hesitou quanto ao emprego da palavra. Sabia da existência de destro com "s". Haveria dextro com "x"? Interrompeu a psicografia e foi ao dicionário. Havia. Retomou o trabalho. Camilo se aproveitou da ocasião para ensinar:

— "Não podia esperar nem desejar tão pronto exemplo como que acaba de passar-se com a palavra dextro. Eu, consciente da propriedade da palavra

escrevi dextro, como significando um homem direito de manejo, como vulgarmente se diz, e a tua ignorância sobre essa propriedade levou-te à hesitação e a buscares a confirmação no dicionário. Vês? Se estivesses em estado inconsciente escreverias essa e quantas outras palavras eu quisesse escrever. Não teria eu dificuldade alguma nisso. Assim, até a mim embaraças. Não te desconsoles, porém. Na tua ignorância, sabes mais do que quase a totalidade dos sábios do mundo, porque sabes o que é preciso saber. O que eles sabem não serve para aqui e o que serve para aqui não sabem eles”.

Melhor não saberia eu dizer nesta singela homenagem ao bravo médium português: ele sabia o que precisava saber...

Hermínio C. Miranda

II Parte

*Artigo publicado na Folha
Espirita, de São Paulo,
Brasil, em Janeiro de 1988
e da autoria de Carlos A.
Bacelli.*

FERNANDO DE LACERDA,
PRECURSOR DE CHICO XAVIER

“Deixa que ao abrir a primeira série destas estranhas comunicações, eu ponha o teu nome, como escudo. Sê tu a minha fiança de que não falto à verdade, que todo o homem honrado deve a si mesmo e aos outros.

Todos tiveram mãe, e creio que nenhum espírito bem formado admitirá que possa enganar quem evoca, como garantia, a memória santa de sua mãe”. Fernando de Lacerda, no pórtico da obra “Do País da Luz” — Volume I.

*

“Na tua ignorância, sabes mais do que a quase totalidade dos sábios do mundo, porque sabes o que é preciso saber. O que eles sabem não serve para aqui, e o que serve para aqui não sabem eles”. — Camilo

Castelo Branco, Espírito, a Fernando de Lacerda
— Extraído do “Reformador”, mensário da FEB,
Janeiro, 1977.

*

“Essas produções foram escritas sem o menor esforço intelectual ou sem a menor fadiga material; sem preparação, sem estudo, sem emendas, obtidas quase todas de noite, estando eu perdido de sono e de fadiga, empregando-se nelas, amiúde, termos portugueses e estrangeiros do meu inteiro desconhecimento” - Fernando de Lacerda em “Palavras Necessárias”, 1ª edição “Do País da Luz” — Volume I.

*

Fernando Augusto de Lacerda e Melo, “o médium do País de Camões”, conforme o denominou Hermínio C. Miranda, em artigo escrito especialmente para a revista “Reformador”, Janeiro de 1977, contava “com cerca de 43 anos quando saiu o primeiro volume de “Do País da Luz”.

Em Portugal, ele exercia a função de Inspector da Polícia Administrativa, tendo vindo para o Brasil em 1911, desencarnando no Rio de Janeiro a 7 de Agosto de 1918.

O seu exílio deveu-se à perseguição política e religiosa que lhe foi movida, tendo os seus próprios Amigos Espirituais lhe sugerido a mudança.

Na noite de 28 de Outubro de 1906, ao deitar-se,

“pareceu-lhe ouvir algo assim como um recado ao escritor português Silva Pinto.

Por mais que tentasse, não obstante, fixar a atenção no que lhe diziam, não conseguia captar a mensagem de forma inteligível. A voz insistiu:

— Tem paciência. Levanta-te e vai escrever”.

A mensagem era assinada pelo célebre Camilo Castelo Branco.

Teve início assim a espinhosa, mas sublime missão do notável médium lusitano que tanto sofreu no testemunho da fé.

O primeiro volume de “Do País da Luz”, que teve na época uma repercussão semelhante ao “Parnaso de Além-Túmulo”, foi publicado em 1908 e trazia mensagens assinadas pelos nomes mais respeitáveis da literatura: Eça de Queiroz (que, a nosso ver, era o Espírito que lhe supervisionava a tarefa mediúnica), *Camilo Castelo Branco, Heliodoro Salgado, Napoleão, Júlio Diniz, A. Herculano, João de Deus, Zola, Um marinheiro (mensagem de profunda substância filosófica), César Cantú, Visconde de Seabra, Castilho, Vitor Hugo, Fontes, Michelet, Padre António Vieira, Leão XIII, Pinheiro Chagas e Mouzinho d’Albuquerque.*

Com o lançamento de “Do País da Luz”, a polémica se estabelece. Eram autênticas as mensagens? A edição se esgota em poucos meses. A imprensa comenta o facto com estardalhaço. O clero se movimenta.

Em 30 de Janeiro de 1907, Eça de Queiroz envia

ao médium um recado pessoal em que, entre outras coisas, dizia:

-"O Sucesso será a discussão; será o ataque, a troça, o insulto, a perseguição. (...) A terra há de ser sempre a terra! Junte-se à terra mais limpa o líquido mais precioso e só fará lama que suja e apodrece!"

As palavras de Eça nos fazem recordar as labaredas do "Auto-de-Fé de Barcelona", quando cerca de 300 volumes de obras espíritas foram incinerados... Hoje (coisa curiosa!), apenas pela mediunidade ímpar de Chico Xavier os Espíritos já nos entregaram, até a presente data, 300 livros psicografados...

Em 1908, o repórter J.S. da "Ilustração Portuguesa", entrevista Fernando de Lacerda. Enquanto falam, "ante o repórter aturdido, começam a desfilar os Espíritos. Dão pequenos recados, escrevem mensagens curtas, participam da conversação... A revista reproduz em fac-símile, preciosas comunicações de alguns escritores, com letra e assinatura próprias de cada um... "Esse fenómeno raro, a que Allan Kardec em "O Livro dos Médiuns" chama de poligrafia, é uma constante na mediunidade de Chico Xavier nas cartas que os desencarnados endereçam aos familiares na Terra.

"Embora sua mediunidade fosse mais desenvolvida no campo da psicografia — informa-nos Hermínio C. Miranda —, também dispunha de faculdades de clariaudiência, de vidência e, ao que parece, de cura".

Ele foi ainda um dos primeiros médiuns de psi-

cografia especular, “do latim speculum, espelho, pois a mensagem assim escrita somente pode ser lida refletida no espelho, por estar às avessas”. Chico já recebeu várias assim, inclusive em outros idiomas, como uma célebre mensagem em Inglês, escrita por Emmanuel, na Sociedade Metapsíquica de São Paulo, em 29-3-1937.

*

Os outros três volumes de “Do País da Luz”, saíram, segundo data de prefácio ou de apresentação, nos anos de 1908 e 1911 respectivamente, sendo que do quarto e último volume da série não nos foi possível descobrir o ano de edição, mas sabemos que veio a lume após a desencarnação do “querido e pouco lembrado médium português”, segundo acentua o respeitável articulista Hermínio C. Miranda e com o que concordamos plenamente.

Nesses três últimos volumes, vários autores espírituais se juntaram aos do primeiro: Antero de Quental, Allan Kardec, Tereza de Jesus, Emile Littré, Frei Bartolomeu dos Mártires, José Duro, Leão Tolstoi, Artur Azevedo e tantos mais. Alguns desses literatos, estavam como desbravando o caminho para que, mais tarde, por Chico Xavier, juntando-se a terceiros, continuassem “FALANDO À TERRA” as “VOZES DO GRANDE ALÉM”...

Para que tenhamos uma idéia mais justa do trabalho precursor do médium Fernando de Lacerda, com referência a Chico Xavier e outros, analisemos os

dois sonetos que se seguem, ambos da autoria de Antero de Quental. O primeiro intitulado “Ciência”, inserido no volume IV de “Do País da Luz”:

*“Ciência, ó vã palavra sem sentido!
Vaga quimera atrás de que corri,
Por cujo amor os dias consumi
Em um trabalho estéril e perdido.*

*Ciência! ó sonho vão e fementido,
Ilusória esperança a que sorri,
Aspiração sem fim em que vivi,
Num triste desespero d’iludido!*

*Eu procurava em ti o Inatingível,
Por crer, ao teu poder, tudo possível,
Ó tão amada estrela do meu norte!*

*Mas de ti ruiu tudo em curta hora
E eu, aos escombros teus, pergunto agora:
- Que vales tu, ciência, ao pé da Morte?”*

O segundo intitulado “Ciência Ínfima”, está nas páginas do “Parnaso de Além-Túmulo”:

*“Onde o grande caminho soberano
Da ciência que abriu a nova era,
Investigando a entranha da monera,
A desvendar-se no capricho insano?”*

*Ciência que se elevou à estratosfera
E devassou os fundos do oceano,
Fomentando o princípio desumano
De ambição onde a força prolifera...*

*Ciência de ostentação, arma de efeito,
Longe da luz, da Paz e do Direito,
Num caminho infeliz, sombrio e inverso;*

*Sob o alarme guerreiro, formidando,
Eis que a Terra te acusa, soluçando,
Como a Grande Mendiga do Universo!..."*

*

No livro *Falando à Terra*, sob o título "Voltando", Fernando de Lacerda comunica-se através de Chico Xavier. Na mensagem que transmite, deixa transparecer a sua amargura pelas lutas na mediunidade de vez que, em se transferindo para o Brasil, não encontrou o apoio que imaginava, enfrentando, inclusive, extremas necessidades materiais para sobreviver com a família.

Óbviamente, não vamos transcrever aqui toda a mensagem, à qual remetemos o leitor para estudos mais amplos. Apenas destacamos alguns tópicos.

"Tive a felicidade de transmitir aos meus contemporâneos as notícias de vários pensadores e literatos redivivos, incorporando-as ao Espiritismo luso-brasileiro, qual o telegrafista postado à ponta do fio estendido entre os dois mundos; entretanto, guardo ainda bem vivas as marcas do sarcasmo e da

perseguição que o serviço me valeu, por parte de muitas personalidades importantes, já agora recambiadas para cá, onde não mais se dispõem ao mau gosto de escarnecer a verdade”.

“Que sempre houve muita gente preocupada em ouvir os desencarnados não padece dúvida; mas pessoas realmente interessadas na verdade jamais encontrei, excepção feita de alguns raros amigos, considerados bonzos e loucos, quanto eu mesmo o fui”.

*

“Alguns companheiros verificaram, em meu drama doloroso na casa de saúde, a falência de minhas faculdades, acreditando-me desprezado pelos amigos espirituais. Na verdade, porém, os mensageiros da luz não me haviam abandonado. Quando se inutiliza o filamento frágil de uma lâmpada, assim fazendo o aposento às escuras, isso não quer dizer que a usina geradora de força houvesse deixado de existir. Os vexilários da causa de Jesus eram excessivamente bondosos para não desculparem a insignificância e a pobreza do amigo que lhes acompanhava as pegadas na romagem difícil.

Ainda me fosse dado cumprir todos os deveres que a mediunidade me indicava ou impunha, sentir-me-ia efectivamente pequenino e derrotado perante a magnitude da ideia que me cabia servir.

*

Conforme verificámos, Fernando de Lacerda

muito sofreu pela Causa Espírita, podendo mesmo ser considerado um dos mártires da mediunidade contemporânea, embora lhe faltasse, se assim podemos expressar-nos, uma formação doutrinária maior. Ele foi simplesmente um médium de que a Espiritualidade Superior se serviu, para “confundir os orgulhosos e glorificar os justos”, pelo inusitado do fenómeno. Como outros que o antecederam, coube-lhe a árdua tarefa de preparar o caminho para que, mais tarde, Chico Xavier pudesse desenvolver o seu extraordinário trabalho na complementação da Obra Kardeciana.

*

Não se pode comparar ninguém a ninguém. Cada um, dentro de suas possibilidades e do Determinismo Divino, cumpre a tarefa que lhe compete.

*

Fernando de Lacerda fez como, onde e o que lhe foi possível fazer e, por isso, merece todo o nosso respeito e toda a nossa gratidão. E o mínimo que podemos fazer agora, para retribuir-lhe o esforço que lhe custou tantas lágrimas, é conhecer o seu magnífico trabalho “Do Pais da Luz” que, infelizmente, permanece obra inédita para a grande maioria dos espíritas.

*

E nós, com este simples artigo, acreditamos ter cumprido, mal ou bem o nosso dever.

Fotocomposto e impresso nas Oficinas Gráficas
da TIPOGRAFIA TADINENSE - Fradelos - Braga
Novembro de 1989

DEDICATÓRIA

Inspirando-nos em Helil e Irmael, irmãos mentores espirituais de Portugal e Brasil, dedicamos este livro à fraternidade Luso-Brasileira.

Fernando de Lacerda, foi mais um traço de união a ligar os dois países.

Nascendo em Portugal, onde os políticos o perseguiram e desterraram, foi desencarnar no Brasil, distribuindo pelas duas Pátrias a

